

The background of the cover is a dense, overlapping pattern of colorful fingerprints in various colors including red, orange, yellow, green, blue, and purple. The fingerprints are arranged in a way that they appear to be scattered across the page, with some larger and more prominent than others.

Diversidade linguística na América: línguas ameríndias (v. 1)

Dionei Moreira Gomes,
María Alejandra Regúnaga
e Arthur Britta Scandelari
(organizadores)

UnB
Livre

EDITORA
UnB 



Universidade de Brasília

Reitora
Vice-Reitor

Márcia Abrahão Moura
Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora

Germana Henriques Pereira

Conselho editorial

Germana Henriques Pereira (Presidente)
Fernando César Lima Leite
Ana Flávia Magalhães Pinto
César Lignelli
Flávia Millena Biroli Tokarski
Liliane de Almeida Maia
Maria Lidia Bueno Fernandes
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcante
Sely Maria de Souza Costa
Wilsa Maria Ramos

The background of the cover is filled with a dense, overlapping pattern of fingerprints in various shades of gray, creating a textured, organic feel.

Diversidade linguística na América: línguas ameríndias (v. 1)

Dionei Moreira Gomes,
María Alejandra Regúnaga
e Arthur Britta Scandelari
(organizadores)

UnB
Livre

EDITORA
UnB 

Coordenadora de produção editorial
Assistente editorial
Revisão

Equipe editorial

Marília Carolina de Moraes Florindo
Lara Perpétuo dos Santos
Arthur B. Scandelari, Dionei M. Gomes,
María Alejandra Regúnaga

© 2020 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa,
1º andar – Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte,
Brasília/DF – CEP: 70910-900
Telefone: (61) 3035-4200
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser
armazenada ou reproduzida por qualquer meio
sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília
Heloiza Faustino dos Santos - CRB 1/1913

D618 Diversidade linguística na América [recurso eletrônico] : línguas
 ameríndias / Dionei Moreira Gomes, María Alejandra
 Regúnaga, Arthur Britta Scandelari (organizadores). – Brasília
 : Editora Universidade de Brasília, 2022.
 v. – (UnB Livre).

Inclui índice.
Modo de acesso: World Wide Web.
ISBN 978-65-5846-132-6 (v. 1).

1. Diversidade linguística. 2. Línguas ameríndias. 3. Tipologia
(Linguística). I. Gomes, Dionei Moreira (org.). II. Regúnaga,
María Alejandra (org.). III. Scandelari, Arthur Britta (org.). IV.
Série.

CDU 811.8



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

SUMÁRIO

| | |
|---|---|
| Apresentação | 7 |
| Prefácio..... | 10 |
| Introdução | 12 |
| Capítulo 1. A marcação de pluralidade nominal em Mehináku (Arawak) 18 <i>Angel H. Corbera Mori</i> | |
| Capítulo 2. Interpretação fonético-fonológica do Kustenau (Arawak) na perspectiva do método reconstutivo sincrônico..... 48 <i>Angel H. Corbera Mori</i> <i>Jackeline do Carmo Ferreira</i> | |
| Capítulo 3. Construções possessivas do Kithãulhu e em outras línguas da família nambikwara | 80 <i>Sivaldo Correia</i> |
| Capítulo 4. Gramaticalización en lenguas genéticamente emparentadas: lenguas yuto-aztecas del noroeste de México | 119 <i>Zarina Estrada-Fernández</i> |
| Capítulo 5. Presencia santiagueña en Buenos Aires: aspectos culturales y lingüísticos como marcadores identitarios | 154 <i>Marcelo Pagliaro</i> <i>Adriana Speranza</i> |

| | |
|---|------------|
| Capítulo 6. Codificación lingüística en las misiones anglicanas de la Patagonia..... | 180 |
| <i>María Alejandra Regínaga</i> | |
| Capítulo 7. Interpretação temporal em orações não finitas em Karitiana: a contribuição do aspecto | 229 |
| <i>Ivan Rocha</i> | |
| Capítulo 8. Sintagmas posposicionais em línguas da família tupí-guaraní: argumentos ou adjuntos? Primeiros passos: Kamaiurá..... | 264 |
| <i>Arthur Britta Scandelari</i> | |
| <i>Dioney Moreira Gomes</i> | |
| Conclusão..... | 314 |
| Agradecimentos..... | 316 |
| Informações sobre os autores..... | 318 |
| Índice Remissivo | 326 |

CAPÍTULO 3

CONSTRUÇÕES POSSESSIVAS DO KITHÃULHU E EM OUTRAS LÍNGUAS DA FAMÍLIA NAMBIKWARA

Sivaldo Correia
Doutorando em Letras (UFPE)¹

1 Introdução

As línguas da família nambikwara são agrupadas em 3 ramos: Norte, Sul e Sabanê (ramo sem subdivisão interna). Tipologicamente, possuem alta complexidade morfológica, sendo caracterizadas como línguas polis-sintéticas, com marcação predominantemente do tipo *head-marking* (marcação no núcleo sintático), inclusive para posse.

O presente trabalho objetiva descrever e analisar comparativamente as construções possessivas da língua kithãulhu (pertencente ao ramo Sul, falada por indígenas do Nambikwara do Campo) em relação às demais línguas da família, à luz dos pressupostos teóricos expostos em Payne (1997), Dixon (2010), Stolz (2008), Stassen (2009), Heine (1997), Nichols (1988), Bickel e Nichols (2013), Mithun (1984) e na literatura disponível sobre as línguas Nambikwara: Sararé (BORELLA, 2005), Nambikwara do Sul (KROEKER, 2003), Latundê/Lakondê (TELLES, 2002), Mamaindê (EBERHARD, 2007), Negarotê (BRAGA, 2017), Latundê (COSTA, 2018), Sabanê (ARAÚJO, 2004), bem como nas informações de pesquisas em andamento com línguas do Sul. Serão também brevemente descritas as construções possessivas predicativas do Kithãulhu.

¹ Este trabalho foi realizado com apoio da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

De acordo com Payne (1997), muitas das línguas ameríndias apresentam oposição entre nomes inerentemente possuídos, como partes do corpo e termos de parentesco, e não inerentemente possuídos, envolvendo aspectos culturais relativos aos itens lexicais, reflexo da cosmovisão dos grupos. Serão analisadas as construções possessivas no nível do sintagma nominal (SN), com enfoque no tipo de marcação e sua relação com a (in)alienabilidade em certas classes de nomes. Compararemos, nas línguas dos ramos Norte e Sul, as construções possessivas atributivas e genitivas, buscando uma melhor caracterização da posse. Utilizaremos também critérios sintáticos para verificar a in(alienabilidade) no Kithãulhu, considerando a natureza polissintética da língua e os fenômenos de incorporação nominal.

Os dados da língua kithãulhu foram coletados em pesquisa de campo realizada em 2017, mediante aplicação de questionários, elicitación direta de dados e coleta ou geração de textos, com falantes oriundos das aldeias Barracão Queimado, Doze de Outubro e Nova Estrela (todas localizadas no município de Comodoro, no estado de Mato Grosso – MT), pertencentes a duas faixas etárias (18-30 e 45-60 anos).

As análises sugerem haver oposição básica entre nomes alienáveis e inalienáveis, havendo ainda uma pequena classe de nomes opcionalmente possuídos.

Este texto está composto de: Introdução, sendo que, nas seções 1.1 e 1.2, serão apresentadas as línguas da família nambikwara e sua distribuição geográfica; na seção 2, trataremos da marcação de posse na língua kithãulhu, com nossa proposta de classificação dos nomes; na seção 2.2, apresentaremos a posse na construção equativa; a seção 3 abordará comparativamente os estudos sobre a posse nominal nas línguas da família nambikwara e a questão da in(alienabilidade); na seção 4, apresentaremos a posse na incorporação nominal e como construção predicativa com o verbo *ĩĩn* ‘ter’; e, para concluir, na seção 5, faremos as considerações

finais. As abreviaturas usadas ao longo do capítulo são listadas após as referências bibliográficas.

1.1 A família linguística Nambikwara

Os povos nambikwara são compostos por diversas etnias que compartilham línguas e (ou) complexos dialetais², os quais ainda necessitam de maior mapeamento e descrição em termos gramaticais. Encontram-se em andamento trabalhos de descrição nos níveis de gramática das línguas nambikwara do sul³ (Campo e Guaporé) e de fonologia e prosódia do Sararé⁴ e do Kithãulhu⁵. A família linguística Nambikwara, pela classificação de Eberhard (2007), se divide nos seguintes ramos:

Quadro 1: Família linguística Nambikwara

(continua)

| Ramo independente | Ramo Norte | | Ramo Sul | | | |
|-------------------|--------------------|-------------------------------|-----------|------------------|------------|------------|
| Sabanê | Subgrupo Roosevelt | Subgrupo Guaporé ⁶ | Manduca | Campo ou Cerrado | Guaporé | Sararé |
| | Latundê | Mamaindê | Hukuntesu | Kithãulhu | Hahãintesu | Katitãulhu |

² O conceito de complexo dialetal aqui é utilizado para agrupar etnias que falam uma mesma língua ou dialetos que apresentam poucas variações entre si. Ainda não foi possível mapear todas as variedades existentes entre as etnias que habitam as Terras Indígenas nambikwara, cujas línguas ou dialetos pertencem ao ramo Sul da família linguística. Este é um campo fértil para trabalhos de documentação e comparação.

³ A descrição feita por Kroeker (2003) considera o Nambikwara do Sul como uma só língua, havendo variações dialetais entre os grupos. No entanto, os indígenas da região do Cerrado (Terra Indígena Nambikwara) e os do Vale do Guaporé relatam dificuldade de compreensão mútua.

⁴ Fonologia e prosódia da língua sararé da doutoranda Marília Teixeira (UFPE).

⁵ Fonologia e prosódia da língua kithãulhu da doutoranda Paula Mendes Costa (UFPE).

⁶ O subgrupo Guaporé do ramo Norte não se confunde com os falantes de outros grupos do ramo Sul que também habitam a região do Vale do Guaporé. Apesar da proximidade geográfica, há diferenças linguísticas maiores que permitem estabelecer clara divisão entre os ramos Norte e Sul da família nambikwara.

Quadro 1: Família linguística Nambikwara

(conclusão)

| Ramo independente | Ramo Norte | | Ramo Sul | | | |
|-------------------|------------|----------|-----------|------------|----------|--|
| Sabanê | Lakondê | Negarotê | Siwaisu | Wakalitesu | Waikisu | |
| | Tawandê | Tawandê | Nijaklosu | Halotesu | Alantesu | |
| | Sowaintê | | | Sawentesu | Wasusu | |

Fonte: adaptado de Eberhard (2007).

Das línguas do ramo Norte, atualmente existem Mamaindê, Negarotê, Latundê e Lakondê (um falante). O Tawandê⁷ e o Sowaintê são considerados extintos. Segundo informações dos consultores das etnias Kithãulhu, Halotesu e Wakalitesu, todos esses povos que habitam a TI Nambikwara falam uma mesma língua reconhecida como Nambikwara do Cerrado ou Campo, exceto por algumas variações lexicais específicas de cada etnia, como as palavras *ahũliqwsu* (Kithãulhu) e *iqwsu* (Halotesu) ‘água’, tendo em vista que essas etnias coabitam as aldeias do Cerrado, sendo o maior contingente populacional kithãulhu. Considerando que os dados desta pesquisa foram coletados apenas com falantes do Kithãulhu, não generalizaremos nossa análise para o Nambikwara do Campo.

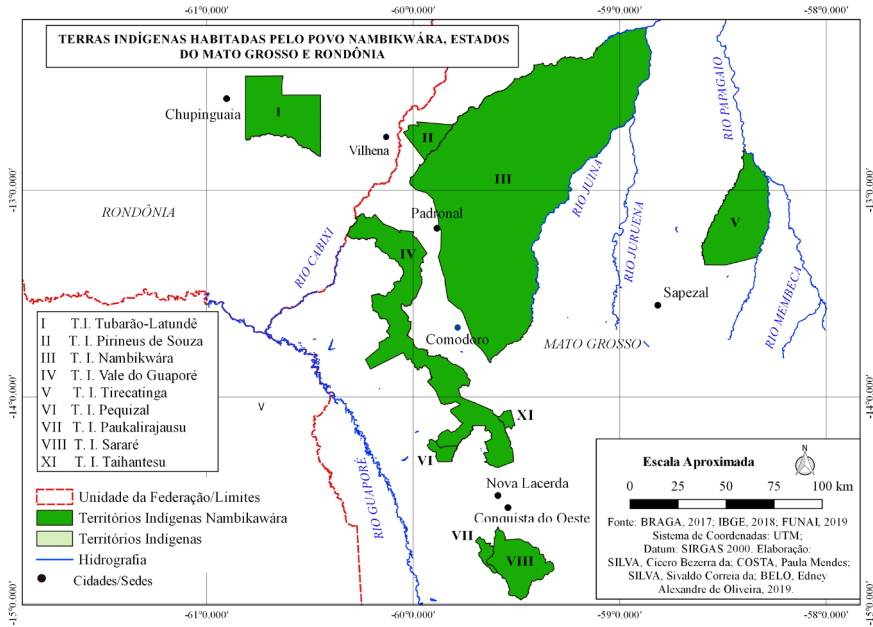
1.2 Distribuição geográfica

Os povos pertencentes ao ramo Sul (subgrupo Campo) da família linguística Nambikwara estão distribuídos em comunidades na Terra Indígena Nambikwara (Kithãulhu, Wakalitesu, Halotesu, Sawentesu) e na Terra Indígena Tirecatina (Wakalitesu). Nesta pesquisa, os falantes são das aldeias Barracão Queimado, Doze de Outubro e Nova Estrela

⁷ Há informações de que haveria descendentes Tawandê, mas sem fluência na língua.

da TI Nambikwara, no município de Comodoro – MT. Segundo dados do IBGE (2010), esta TI conta com 476 habitantes.

Figura 1: Localização dos povos nambikwara



2 A marcação da posse na língua Kithãulhu

Assim como nas demais línguas nambikwara, o Kithãulhu possui ordem canônica SOV (sujeito, objeto, verbo). A posse nominal obedece à ordem [possuidor + possuído] e se realiza por meio de prefixos, que são formas reduzidas dos pronomes pessoais. São três os prefixos de posse existentes na língua: *da*⁻⁸ (1), *wã*- (2) e *a*- (3) (exemplos 1, 2, 3, respectivamente),

⁸ Em comunicação pessoal com Paula Mendes Costa, o Nambikwara do Campo possui 13 segmentos consonantais, a saber: /p, t, k, ʔ, ʔp, ʔt, ʔk, n, ʔn, l, r, s, h/, que representaremos neste trabalho com os grafemas ⟨p, t, k, ʔ, ʔp, ʔt, ʔk, n, ʔn, l, r, s, h⟩. Segundo a pesquisadora, são

que se aderem ao nome possuído. Formalmente, não há diferença na marcação de posse entre nomes alienáveis e inalienáveis na 1ª e 2ª pessoas do singular, sendo necessário analisar as construções de posse de 3ª pessoa para caracterizar o sistema.

- (1) da-waia-li-a
1-cachorro-?-REF⁹
'meu cachorro'
- (2) wã-hãka-nũ-a
2-mãe-TC-REF
'tua mãe'
- (3) tiahla [a-seakal-a] ùhito-tahe-ra
ele 3-esposa-REF ferir-PST-PF
'ele feriu a esposa dele'

A 1ª pessoa do plural é resultado da combinação dos prefixos de 1ª e 2ª pessoa, conforme o exemplo 4.

- (4) da-wã-halo-a
1-2-lugar-REF
'nossa terra'

A 2ª pessoa do plural é formada pelo prefixo *wã-*, que pode se combinar com outros morfemas que indicam pluralidade.

18 vogais, entre segmentos orais, orais laringais, nasais e nasais laringais /i, u, e, o, a/; /ĩ, ỹ, ẽ, ɔ, ɶ/; /ĩ, ã, ẽ, ã, ỹ/. Representaremos todas com os diacríticos nasais e laringais, com exceção de: /u/ por ⟨w⟩.

⁹ As abreviaturas encontram-se na parte final do texto, após as referências bibliográficas.

- (5) iak-a wã-nũ-wai-ki-di-na-ra
 caititu-REF 2-braço-arranhar-BEN-PL-T/E-PF
 ‘o caititu arranhou o braço de vocês’

Identificamos a realização da 3ª pessoa do plural nas seguintes construções, que formam pronomes livres: combinação do prefixo demonstrativo *ta* ‘aquele’ com o morfema de grupo *nunkada*, para fazer referência a um grupo de indivíduos (*tanunkada*); e combinação dos pronomes pessoais *tiahla* ‘ele’ ou *takala* ‘ela’ com o morfema de grupo, para delimitar o sexo dos indivíduos de um dado grupo (*tiahlanunkada* ‘grupo de homens’, *takalanunkada* ‘grupo de mulheres’). O próximo exemplo mostra o pronome pessoal *tiahla* ‘ele’ combinado com o morfema de grupo *nunkada*, formando a da 3ª pessoa do plural.

- (6) tiahla-nunkada hati-ajrawa
 ele-grupo cesto-COP
 ‘o cesto é deles’

No Quadro 2, apresentamos as possibilidades de construções possessivas em que um nome pode receber posse prefixal (1SG, 2SG, 3SG, 1PL, 2PL) e em que a posse ocorre pela justaposição de pronome livre¹⁰ (3SG, 2PL, 3PL).

Quadro 2: Construções possessivas pronominais

(continua)

| | Prefixos possessivos | Pronomes livres |
|-----|----------------------|-----------------|
| 1SG | da- | - |
| 2SG | wã- | - |

¹⁰ Os nomes próprios, por receber obrigatoriamente o classificador de sexo, também têm o mesmo comportamento dos pronomes livres para a posse.

Quadro 2: Construções possessivas pronominais

(conclusão)

| | | |
|-----|------------------|---|
| 3SG | a ⁻¹¹ | tjahla / takala ¹² / nome próprio-CL.m/f |
| 1PL | dawā- | - |
| 2PL | wã- | wanunkada |
| 3PL | | tanunkada / tiahlanunkada / takalanunkada |

Para a 3ª pessoa, há padrões de posse a depender da posição argumental e da classe do nome possuído. Desta forma, propomos distinção entre três classes de nomes, utilizando critérios semânticos e sintáticos.

2.1 Classes dos nomes no Kithãulhu

As classes de nomes do Kithãulhu podem ser caracterizadas de acordo com o tipo de relação possessiva que estabelecem, tanto no nível do sintagma nominal como enquanto argumentos da oração.

2.1.1 Nomes possuíveis

Os nomes possuíveis são a maioria dos nomes na língua. Em tese, todos os nomes podem ser possuíveis: animados, incluindo animais da floresta (como no exemplo 7), plantas, espírito de pessoas, ou objetos inanimados (como em 8).

¹¹ Na fala, é possível encontrar a realização de [ha-].

¹² É possível encontrar, para designar o referente feminino, a forma reduzida do pronome *takala*, na forma do sufixo *-tala*, porém o mais comum é não haver esta redução.

- (7) da-ianal-a
1-onça-REF
'minha onça'¹³
- (8) wa-iaint'-a kq-tesîri-na-ra
2-comida-REF estragar-E.OP-T/E-PF
'tua comida parece estar estragada'

Enquanto sujeito, a construção possessiva de 3ª pessoa se dá por justaposição com o pronome livre e sem marcação no núcleo, conforme o exemplo 9. Sintaticamente, podemos identificar as seguintes construções:

a) justaposição com pronome livre e sem marcação morfológica no núcleo (*zero-marking*) – ocupam posição sintática de sujeito:

- (9) tiahla hati-a ã-kq-ki-na-ra
ele cesto-REF INST-estragar-REFL-T/E-PF
'o cesto dele se estragou'

Verbos nominalizados são considerados nomes alienáveis:

- (10) tiahla iã-iuta uil'-a-ua
ele respirar-NMZ ser bom-NEG-T/E-IMPF
'a respiração dele não está boa'

b) prefixo possessivo *a-* marcando o possuído – ocupam posição de objeto:

- (11) a-ũãla-kalo-a anat-na-ra
3-roupa-CL-REF atirar-T/E-PF
'atiraram na roupa ele'

¹³ A onça é um animal sagrado para o povo nambikwara. O pajé pode utilizar a construção possessiva para falar da sua onça.

- (12) tiahla a-seakal-a ãhito-tahe-ra
ele 3-esposa-REF ferir-PST.DIST-PF
'ele feriu a esposa dele'

Vale ressaltar que nomes possuíveis enunciados isoladamente, mesmo que sejam empréstimos, não trazem marcação especial. Estruturalmente, podem ser acompanhados de classificadores e se encerram com o sufixo referencial *-su*:

- (13) moto-kalo-su
 motocicleta-CL-REF
 'motocicleta'

2.1.2 Nomes obrigatoriamente possuídos

Os nomes obrigatoriamente possuídos (inalienáveis) se caracterizam pelo uso obrigatório de um prefixo de posse. Mesmo isoladamente, não é possível enunciar o nome sem fazer referência ao possuidor. As seguintes construções são identificadas:

a) justaposição do nome próprio ou pronome livre com marcação prefixal de posse no núcleo (*head-marking*), mesmo com o possuidor explícito:

- (14) Ana-akal-a a-nũ-ki-su
 Ana-CL.F-REF 3-braço-CL-REF
 '0 braço de Ana'

b) em isolado, independentemente da posição argumental, os nomes que se referem a partes do corpo exigem a marcação obrigatória *a-* de um possuidor de 3ª pessoa ou indeterminado:

- (15) a-k'ɛr-a sate~saten-na-ra
 3-mijo-REF RDP.ser amarelo-T/E-PF
 'o mijo é amarelo'
- (16) a-nũ-ki-a kãin-na-ra
 3-braço-CL-REF ser grande-T/E-PF
 'o braço é grande'

O quadro 3 resume a estrutura mínima dos nomes inalienáveis:

Quadro 3: Estrutura mínima do nome obrigatoriamente possuído (inalienável)

| | | | |
|--------------------|------|----------------|----------------------------------|
| Prefixo possessivo | raiz | classificador* | sufixo referencial ¹⁴ |
| | | | -su / -a |

*opcional

Classificam-se como “obrigatoriamente possuídos” (inalienáveis) os nomes relativos às partes do corpo humano e de animais, incluídos fluidos corporais. Seguem listas exemplificativas de nomes enunciados em isolado, os quais atestam a ocorrência obrigatória do prefixo *a-*, indicando o possuidor de 3ª pessoa ou a indeterminação, cuja tradução equivaleria a “de alguém” ou “de algo”.

¹⁴ Todos os nomes enunciados em isolado, fora de contexto, são encerrados pelo sufixo *-su*, com valor ainda não bem esclarecido. Quando desempenham papel argumental de sujeito ou objeto, os nomes comumente recebem o sufixo */-a/*. À semelhança do Latundê (Telles, 2002), ambos são usados para introduzir e referenciar participantes no contexto comunicativo, por isso optamos, neste trabalho de rotulá-los como ‘sufixos referenciais’, que são utilizados de forma não coocorrente no final dos nomes. Diferentemente de Kroeker (2003), não identificamos */-su/* e */-a/* marcando não definitude e definitude, respectivamente.

Quadro 4: Partes do corpo humano

| Nome | Significado |
|--------------|-------------|
| ahikisu | dedo (mão) |
| awişu | dente |
| asusu | osso |
| anekisu | cabeça |
| auanēnsu | nariz |
| anñnkisu | seio |
| asutasu | perna |
| asukatikisu | canela |
| aĵetakadsu | pescoço |
| atasakatsu | coluna |
| atihajawsu | sangue |
| asikoru | quadril |
| asihualikisu | nádegas |
| akeru | mijo |
| asisĭkanunsu | fezes |

Quadro 5: Partes do corpo de animais

| Nome | Significado |
|-------------|-------------|
| anekisu | asa |
| akalosu | escama |
| asiñĉĕlisu | rabo |
| anet'ausu | chifre |
| anesalakisu | crista |
| akilĭtutsu | ferrão |

2.1.3 Nomes *opcionalmente possuídos*

Alguns nomes de parentesco e de objetos, como a palavra *wĩn* ‘pai’, que podem ocorrer livremente como itens não possuídos, exemplificado em 17, apresentam comportamento de posse opcional.

- (17) *wĩn*-a *ãũ'in*-na-ra
 pai-REF dormir-T/E-PF
 ‘o pai dormiu’

Identificamos dois padrões de posse para esses nomes:

a) a posse realizada apenas com o prefixo de 3ª pessoa *a-*, conforme exemplo 18, não utilizando a estratégia do pronome livre:

- (18) *a-hãnka-nũ*-a *uil-ĩ*-na-ra
 3-mãe-TC-REF ser bom-PRCEST-T/E-PF
 ‘a mãe dele(a) é boa’

b) a estratégia da justaposição do pronome livre e o uso do prefixo possessivo *a-*, mesmo quando o possuidor está explícito, como em 19, o que não é esperado para nomes possuíveis:

- | | Pronome livre | possuído |
|------|-------------------------------------|----------------------|
| (19) | <i>ta-nunkada</i> | <i>a-wẽn-hali</i> -a |
| | DEM-grupo | 3-criança-PL-REF |
| | ‘as crianças deles’ (daquele grupo) | |

Com a palavra *siba* ‘casa’, pode ocorrer também a combinação da estratégia da justaposição com o prefixo de posse marcando o possuído, como em 20:

- (20) Joao-ahla a-sih-a-sa
 João-CL.M 3-casa-REF-INTR
 ‘é a casa de João?’

Alternativamente, com a mesma palavra *siha* ‘casa’, pode-se construir uma estrutura de posse apenas com a estratégia da justaposição, como em 21:

- (21) takala siha kãin-na-ra
 ela casa grande-T/E-PF
 ‘a casa dela é grande’

Desta forma, propomos que alguns nomes de parentesco e de objeto apresentam comportamento de posse opcional, a depender da escolha dos falantes. Kroeker (2003) afirma que certos substantivos são possuídos facultativamente, a critério do falante, como *sihsu* ‘casa’ ou *huk’isu* ‘flecha’. Para melhor caracterização dessa classe, é necessário buscar motivações pragmáticas que possam interferir na realização da posse. Pelos limites deste estudo, não serão contempladas questões de ordem discursiva em nossas análises.

2.2 Posse na construção equativa

Para Kroeker (2003), a posse também pode ocorrer em oração equativa. Na construção equativa, o nome possuído será núcleo do predicado¹⁵, componente obrigatório, podendo o sujeito ficar implícito. Em 22 e 23, observamos a construção possessiva em predicados nominais com função identificadora (predicado não verbal). Na construção (23a), evidenciamos

¹⁵ Mais dados com a posse em oração equativa são necessários para esclarecer se há diferenças entre a posse de equativas entre os sufixos *-su-na-ra* e *aj-ra-wa*, que Kroeker (2003) descreve como possibilidades alternativas.

que se trata de uma língua *head-marking*, pela marcação da posse se encontrar no núcleo, que neste caso é um predicado nominal.

(22) tjahla da-wĩn-ajrawa
 ele 1-pai-COP
 ‘ele é meu pai’ (lit.: ‘meu pai é ele’)

(23a) João-ahla [Paula-kala a-wĩn-ajrawa]
 João-CL.M Paula-CL.F 3-pai-COP
 ‘João é o pai de Paula’ (lit.: ‘pai de Paula é João’)

Em (23b), temos o exemplo de uma construção equativa que emprega a raiz nula¹⁶ *ieinki*. Na construção com raiz nula, os prefixos possessivos acompanham a raiz nula, e esta, à semelhança do que ocorre no Sararé *jeik*, tem a função de remeter anaforicamente à raiz nominal mencionada.

(23b) hatia da-wã-ieink-ajrawa
 cesto 1-2-RN-COP
 ‘O cesto é nosso’ (lit.: ‘nossas coisas é cesto’)

3 Posse nas línguas nambikwara

De forma comparada, analisaremos a marcação de posse nas demais línguas nambikwara em construções pronominal e genitiva, tendo como enfoque a questão da inalienabilidade.

¹⁶ A raiz nula deriva da palavra *aieinka* ‘coisa’, que é obrigatoriamente possuída. Enquanto raiz nula, figura na construção equativa possessiva.

3.1 A inalienabilidade nas línguas nambikwara

Telles (2002) e Eberhard (2007) demonstram que as línguas nambikwara do ramo Norte (Latundê e Mamaindê) apresentam a marcação de posse do tipo prefixal no nome possuído (*possessee*)¹⁷. Nos termos de Nichols (1986), na relação possuidor-possuído, a marcação morfológica no nome possuído representa a marcação de núcleo (*head-marking*), em oposição à marcação no possuidor (*dependent-marking*), padrão encontrado em línguas como o Inglês (por exemplo, *John's market* 'mercado de John'), em que o possuidor recebe a marca de genitivo -s. Nas línguas em que há a distinção entre posse alienável e inalienável, segundo Nichols (1986), os nomes inalienáveis tenderiam a ter marcação de núcleo nas construções possessivas. Heine (1997) reúne algumas características da inalienabilidade fazendo a relação com os pressupostos teóricos de Nichols:

- a) é restrita à posse atributiva;
- b) é provável que esteja associada a vários recursos de marcação. Por exemplo, nomes alienáveis podem ser descritos como sendo marcados, e os inalienáveis, como não marcados. Isto significa, por exemplo, que, por regra, mais gasto fonológico e/ou morfológico é empregado para codificar a posse alienável, em oposição à posse inalienável;
- c) a posse inalienável envolve uma ligação estrutural mais estreita entre o possuidor e o possuído (Nichols, 1992: 117);
- d) marcadores possessivos em nomes inalienáveis são mais 'arcaicos', isto é, eles parecem etimologicamente mais antigos do que aqueles usados em nomes alienáveis (Nichols, 1992: 117);

¹⁷ Segundo Telles (2002), o Latundê apresenta, além dos prefixos de posse, a marca de posse dual *pan'* não especificada para pessoa.

- e) os nomes pertencentes à categoria inalienável incluem termos de parentesco, termos de parte do corpo, ou ambos, e geralmente também outras classes de nomes;
- f) a categoria inalienável consiste em um conjunto fechado de nomes, enquanto a alienabilidade é uma classe aberta; definida por Nichols (1988: 562) como ‘infinita’. (HEINE, 1997, p. 172, tradução nossa)¹⁸

A semântica dos nomes inalienáveis é variável de uma língua para outra. A maioria dos autores identifica termos de parentesco, partes do corpo e alguns artefatos. Para Mithun (2001), além desses, as entidades classificadas como inalienáveis podem incluir relações filiais, relações espaciais (por exemplo, o topo de um objeto) e, frequentemente, outras relações íntimas associadas a objetos, tais como um lar, certas ferramentas pessoais, pegadas ou pensamentos.

Nas línguas nambikwara, apenas o Sararé teria um morfema específico de inalienabilidade (o prefixo *a-*), de acordo com Borella (2005, p. 17)¹⁹.

¹⁸ “a) *it is confined to attributive possession.*

b) *it is likely to be associated with a number of marking features. For example, alienable nouns can be described as being marked and inalienable ones as unmarked. This means, for example, that, as a rule, more phonological and/or morphological expenditure is employed to encode alienable, as opposed to inalienable possession.*

c) *inalienable possession involves a tighter structural bond between possessee and possessor (Nichols 1992: 117).*

d) *Possessive markers on inalienable nouns are more ‘archaic’, that is, they look etymologically older than those used on alienable nouns (Nichols 1992: 117).*

e) *The nouns belonging to the inalienable category include kin terms, body-part terms, or both, usually also some other groups of nouns.*

f) *The inalienable category consists of a closed set of nouns, while alienability is an open-class category; its membership is described by Nichols (1988: 562) as ‘infinite’ (HEINE, 1997, p. 172).*

¹⁹ Em comunicação pessoal com a pesquisadora Marília Teixeira, no Sararé (etnia Nutajensu), os dados mostram que a marca de inalienabilidade pode ser realizada foneticamente por um alongamento da vogal, sendo fonologicamente o /a/ de inalienabilidade.

As outras línguas distinguiriam as classes dos inalienáveis recorrendo ao sistema de prefixos possessivos, havendo preferência por um determinado prefixo quando os nomes são enunciados em isolado sem mencionar um possuidor específico. Nas línguas do Norte, a inalienabilidade é sinalizada pelo prefixo de 1ª pessoa do plural *nûsa-* e estaria relacionada às partes do corpo. Segundo Eberhard (2007, p. 347, tradução nossa)²⁰, “isso transmite a ideia de que essa é uma parte do corpo comum a todos nós. Mesmo quando se referem ao próprio corpo em fala conectada, os Mamaindê frequentemente voltam à forma /*nûsa-*”.

No Negarotê, “a preferência da posse inalienável é pelo prefixo de 3ª pessoa *na-*” (comunicação pessoal)²¹ No Sabanê, língua mais distante das demais, Araújo (2004) destaca que a língua não faz qualquer distinção entre nomes alienáveis ou inalienáveis, porém ressalta que nomes de partes do corpo humano ou de animais se iniciam com as vogais “a” ou “i”, as quais, para Januacele Costa, segundo Araújo (2004), seriam vestígios de um morfema de inalienabilidade no Proto-Nambikwara. No Lakondê, nos nomes possuídos, a marcação de posse não é obrigatória, embora seja largamente preferencial para termos de parentesco e partes do corpo, de acordo com Telles (2002). Seriam possuídos: artefatos materiais, animais domésticos, partes do corpo, termos de parentesco, entidades mitológicas, entre outros.

No Quadro 6, sintetizamos a inalienabilidade nas línguas nambikwara até então descritas.

²⁰ “*this conveys the idea that this is a body part common to us all. Even when referring to their own body in connected speech, the Mamaindê will often revert to the /nûsa-/form*” (EBERHARD, 2007, p. 347).

²¹ Comunicação com a pesquisadora da língua negarotê Gabriela Modesto Braga, em março de 2019.

Quadro 6: Inalienabilidade nas línguas nambikwara

| | Mamaindê | Negarotê ²² | Lakondê | Kithãulhu | Sararé | Sabanê |
|-------------------------------|---------------------|------------------------|-----------|------------------|----------|----------------|
| Nomes | inalien. | inalien. | possuídos | inalien. | inalien. | ausente |
| Prefixo para inalienabilidade | prefixo 1PL {nūsa-} | prefixo 3SG {na-} | - | prefixo 3SG {a-} | {-a-} | ‘a-’, ‘i-’ *** |
| Partes do corpo humano | X | X | ** | X | X | *** |
| Parentesco | | X | ** | ** | X | |
| Partes do corpo de animais | | | | X | | *** |
| Casa, artefatos materiais | | | * | * | | |
| Animais domésticos | | | * | | | |
| Entidades mitológicas | | | * | | | |

* marcação opcional

** marcação não obrigatória, mas largamente preferencial

*** resquício histórico de possível na classe de nomes inalienáveis, os quais são iniciados pelas vogais “a” e “i”.

X - classe à qual se aplica marca.

Heine (1997, p. 173, tradução nossa)²³ vê a inalienabilidade como categoria gramatical presente em muitas línguas do mundo, podendo ocorrer duas possibilidades de oposição: “a. o conjunto dos alienáveis (aberto) marca a posse no possuidor, enquanto o conjunto de inalienáveis não marca; b. o conjunto de inalienáveis (fechado) marca a posse no

²² Em comunicação pessoal com a pesquisadora Gabriela Braga.

²³ “(a) *The alienable (=open) set is dependent-marked where the inalienable set is not.* (b) *The inalienable (=closed) set is head-marked where the alienable set is not* (Nichols 1988: 578)” (HEINE, 1997, p. 173).

núcleo, enquanto o conjunto de alienáveis não marca (Nichols 1988: 578)”. O Kithãulhu nos parece mais alinhado com o tipo “b”, em que a classe dos inalienáveis é restrita às partes do corpo e de animais e tem marcação de núcleo, enquanto os alienáveis não são marcados.

Além desses fatores, Nichols (1988) acrescenta que a gramaticalização da posse nos inalienáveis é correlacionada com a alta frequência de uso. No Kithãulhu, podemos observar diversos usos de nomes de parte de corpo para referenciar partes de plantas (por exemplo: *nũ* ‘galho’ equivale ao braço da árvore; *nē* ‘copa’, à cabeça, bem como especialmente para identificar partes de objeto e partes de uma área, como a aldeia). Além das partes do corpo se incorporarem a verbos, estes ainda podem ter prefixos instrumentais relacionados a movimentação e partes do corpo, como *wa-* ‘movimento com a mão’.

Diacronicamente, de acordo com Heine (1997), a emergência de um sistema inalienável viria de um estágio de transição entre um antigo e um novo padrão de posse atributiva. Em tal estágio, uma pequena classe de nomes (inalienáveis) não seria afetada por esse novo padrão. No Kithãulhu, a atual marcação de inalienabilidade por meio do prefixo de 3ª pessoa /*a-*/, restrita apenas às partes do corpo, em um estágio anterior, provavelmente também incluiria a classe dos termos de parentesco, como *hānkana* ‘mãe’ (exemplo 18), e alguns objetos de cunho pessoal como *siba* ‘casa’ (exemplo 20), que atualmente aparecem como opcionalmente possuídos²⁴.

Nas próximas seções, discutiremos comparativamente as construções possessivas nominais, pronominais e genitivas do Kithãulhu em relação às das demais línguas da família nambikwara.

²⁴ Uma análise mais acurada da pragmática ajudaria a melhor explicar o porquê dos usos opcionais e quais os contextos que favoreceriam esse uso.

3.2 Construções possessivas nominais

De acordo com Dixon (2010), as construções possessivas podem ser: internas ao SN (típicas construções de posse) ou predicativas com o verbo ‘ter’, com o verbo intransitivo ‘existir’, com verbo de cópula ou outras estratégias. No nível do sintagma nominal, a relação possessiva entre nomes está relacionada com propriedades semânticas do nome possuído, o que pode resultar em diferentes padrões morfossintáticos. Aikhenvald e Dixon (2013) propõe uma divisão das relações possessivas nucleares em três tipos: propriedade (*ownership*); relações parte-todo, incluindo partes do corpo e partes de plantas; relações de parentesco, consanguíneas e de filiação.

Para a nossa análise, utilizaremos a divisão proposta por Stolz (2008), que diferencia dois tipos básicos de construção possessiva no nível do SN: a atributiva pronominal e a atributiva genitiva.

Quadro 7: Posse no nível do SN

| Possuidor | Relator | Possuído | Tipo de posse |
|-----------|---------|----------|-----------------------|
| PRO | X | N | atributiva pronominal |
| N | X | N | atributiva genitiva |

Para Stolz (2008), as relações entre possuidor e possuído se dão por meio de um *relator*²⁵ (X), que pode estabelecer uma relação inerente (não marcada) ou através de marca morfológica (marcada). Stassen (2009, p. 110, tradução nossa)²⁶, por sua vez, acrescenta que, com respeito às construções possessivas nominais, “em muitas línguas, SNs possuidores

²⁵ Para Stolz (2008), na posse predicativa, o relator é o verbo (V).

²⁶ “In many languages, adnominal possessor NPs do not have overt marking, and are placed in juxtaposition to the possessee NP, with or without additional possessor NP indexing” (STASSEN, 2009, p. 110).

adnominais não têm marcação explícita, e são postos em justaposição ao SN possuído, com ou sem indexação adicional ao SN possuidor”.

3.2.1 Construção atributiva pronominal

Quando o possuidor é um pronome ou afixo pronominal, teremos a construção atributiva pronominal. Nas línguas nambikwara, os prefixos pronominais (geralmente formas reduzidas dos pronomes livres) representam o possuidor e irão se aderir ao núcleo, formando a construção possessiva pronominal, conforme exemplos 24, 25 e 26.

Kithãulhu

- (24) da-uaia-li-a
1-cachorro-?-REF
'meu cachorro'

Mamaindê

- (25) na-tei?-tu
3-esposa-FNS
'esposa dele'

(EBERHARD, 2007, p. 347, adaptado)

Latundê

- (26) ã-'najn-ki'nîn-'te
3-cabeça-CL:red/obl/trid-REF
'cabeça dele'

(TELLES, 2002, p. 163)

No entanto, constatamos, nos dados atuais do Kithãulhu²⁷, um padrão diferenciado para a posse de 3ª pessoa, com o uso do pronome livre representando o possuidor, sem marcação no núcleo (exemplo 9). Este padrão tem sido atestado para marcar a posse de nomes alienáveis em posição de sujeito. Para o Sararé, de acordo com Borella (2005), o pronome livre também pode substituir o prefixo possessivo apenas na 3ª pessoa (conforme o exemplo 32a) e na 1ª pessoa do plural, sendo as formas para as demais pessoas do discurso recusadas pelos falantes. Telles (2002), para o Latundê (ramo Norte), aponta a possibilidade do uso do pronome livre *hāj* (exemplo 27), alternativamente ao prefixo possessivo *ā-* (exemplo 26) para a realização da posse de 3ª pessoa.

Latundê

- (27) *hāj-’najn-ki’nīn’tē*
 3-cabeça-CL:redondo/oblongo/tridimens-REF
 ‘cabeça dele’

(TELLES, 2002, p. 163)

No Kithãulhu, os nomes de pessoas são acompanhados de sufixos classificadores de sexo (*-iahla* e *-akali*), e o seu comportamento é o mesmo dos pronomes livres (*tiabla* ‘ele’ e *takala* ‘ela’).

- (28) <João>-ahla *juhl-a*
 João.CL.M faca-REF
 ‘a faca de João’

²⁷ Os dados apresentados neste capítulo foram coletados pelo autor em pesquisa de campo realizada no ano de 2017 com falantes das aldeias nambikwara do cerrado, da etnia Kithãulhu.

Consideramos esse tipo de construção possessiva equivalente às construções atributivas com pronome livre (exemplo 29).

- (29) tjahla wāla-kalo-a wi-na-ra
 ele roupa-CL.plano-REF ser bonito-T/E-PF
 ‘a roupa dele é bonita’

A construção com nome próprio permite evidenciar a marcação no núcleo, assim como ocorre no Mamaindê. Para Eberhard (2007), o Mamaindê não permite que o prefixo possessivo seja marcado no possuidor em construções do tipo 30, sendo obrigatoriamente afixado ao nome possuído.

Mamaindê

- (30) Paulo-soʔka na-sih-ã wi-lei-a-nãn-wa
 Paulo-NCL.HUM 3-casa-FNS entrar-I.PST-S1-PST-DECL
 ‘eu entrei na casa de Paulo’

(EBERHARD, 2007, p. 341, adaptado)

No Sararé (língua do ramo Sul), como no Kithãulhu, ocorre também construção de posse por justaposição de SNs, com a diferença de que os nomes próprios nessa língua não possuem o classificador de sexo (conforme exemplo 31). A expressão da posse no Sararé é também possível através de construção equativa sem cópula (exemplo 32b).

Saráré

- (31) Pedrinho sih-su
 Pedrinho casa-REF
 ‘casa do Pedrinho’

(BORELLA, 2005, p. 18)

Diversidade linguística na América: línguas ameríndias (v. 1)

- (32a) tamana hatisu
ela balaio
'balaio dela'

(BORELLA, 2005, p. 33)

- (32b) Clarice Rodrigo a-hajka-nũ-su
Clarice Rodrigo I-mãe-TC.parentesco-REF
'Clarice é mãe de Rodrigo'

(BORELLA, 2005, p. 18)

3.2.2 Construção atributiva genitiva

As construções genitivas estabelecem a relação de posse entre dois itens lexicais, podendo ser de valor partitivo ou não. No Mamaindê, a construção genitiva é um tipo de composição nominal²⁸, em que a marca /-ã-/²⁹ estará sempre aderida ao possuído (núcleo), de acordo com Eberhard (2007, p. 373). Segundo Telles (2002, p. 159), a posição da marca de posse, sempre precedendo o possuído, é inalteradamente medial.

Latundê

- (33) 'nũ-ã-'tawn-'te
bicho-POS-rabo-REF
'o rabo do bicho'

(TELLES, 2002, p. 164)

²⁸ Diferentemente das línguas do Norte, em que {-a-} funciona como marca de genitivo, no Kithãulhu, todas as palavras (simples ou composições), enquanto argumentos de uma oração, apresentam o sufixo referencial {-a}.

²⁹ /-a-/ para o Negarotê.

Mamaindê

- (34) toh-ã-ja-tu
abelha-GNT-CL:líquido-FNS
'líquido da abelha/mel'

(EBERHARD, 2007, p. 351, adaptado)

No Mamaindê, conforme o exemplo 34, a marca de genitivo é um afixo derivacional diferente do prefixo possessivo de 3^a pessoa *na-* e une duas raízes nominais, podendo o possuído ser um nome, classificador ou verbo nominalizado (cf. Eberhard, 2007).

Para o Kithãulhu, as construções genitivas consistem na relação entre dois nomes de raízes independentes, [raiz + SL] + [raiz + REF]. O primeiro nominal se encerra com o sufixo *-a*, com função ainda não delimitada, aqui denominado de lexicalizador (SL), enquanto o segundo recebe o sufixo referencial *-su* para nomes em isolado (exemplos 35-37).

- (35) da-hãĩn-a kãinti-su
1-avó-SL colar-REF
'colar da minha avó'

- (36) ianal-a wẽn-su
onça-SL criança-REF
'filhote de onça'

- (37) pon-a a-nêta-w-su
boi-SL 3-chifre-REF
'chifre do boi'

No Kithãulhu, é comum que os nomes, quando desempenham papel argumental, recebam o sufixo referencial *-a*³⁰ (exemplos 38 e 39), o que não coincide com o papel desempenhado pelo sufixo lexicalizador *-a* da construção genitiva. Em 38, verificamos que o classificador pode também funcionar como raiz.

(38) [kaiuh'-a kalo-a] kat-na-ra
bicho-SL CL.plano-REF ser duro-T/E-PF
'o casco do bicho é duro'

(39) a-kalo-a thethen-na-ra
3-CL.plano-REF ser mole-T/E-PF
'o casco dele é mole'

Quando temos construções genitivas envolvendo partes do corpo humano e de animais (exemplos 37, 40 e 41), observamos o uso obrigatório do prefixo de posse de 3ª pessoa para indicar a inalienabilidade.

(40) a-in-a a-iq-su
peixe-SL 3-boca-REF
'boca do peixe'

³⁰ Ainda não é possível precisar a função do sufixo aqui chamado de referencial. À semelhança do Kamaiurá (cf. Seki, 2000), o sufixo *-a* parece desempenhar função de marcador de caso dos argumentos nucleares. Kroeker (2003) descreve esse sufixo como nominativo definido, em oposição ao sufixo *-su*, que seria nominativo indefinido. No entanto, identificamos um uso diferenciado da expressão nominal acompanhada de morfologia verbal em que o *-su* se mantém: *iaka-ta-su-na-ra* 'porco-AUM-REF-EV-PF' 'é porcão (estou vendo)'. Neste caso, o sufixo *-su* não parece indicar indefinidade.

- (41) ua'ien-te-a a-ieki-ki-su
coruja-CL.gen-SL 3-olho-CL.redondo-REF
'olho da coruja'

Na construção genitiva com partes de plantas e a palavra “ovo”, não verificamos marcação de inalienabilidade³¹.

- (42a) kuajät-a 'nãn-su
milho-SL CL:folha-REF
'folha do milho'
- (42b) uakal-a nãũ'-su
jacaré-SL CL:ovular-REF
'ovo de jacaré'

Em 38 e 42, temos os classificadores dos nomes formando a construção genitiva, à semelhança do que ocorre no Mamaindê (exemplo 34) e no Latundê (exemplo 43).

Latundê

- (43) tã-ã-ni-'tu
1-POS-CL:hemisfério-REF
'minha casa'

(TELLES, 2002, p. 194)

³¹ Para Borella (2005), as raízes nominais de “folha” e “ovo” (ambos classificadores) são inalienáveis e são dependentes. O que interpretamos para o Kithãulhu como sufixo lexicalizador em 42, para o Sararé, seria marcador de inalienabilidade, o que não é possível para o Kithãulhu tendo em vista construções como a do exemplo 40. Palavras como “ovo” **a-nôŷ-su*, para autora, são agramaticais no Sararé, necessitando estar associadas a um possuidor. Não foi o que observamos no Kithãulhu, em que é gramatical a ocorrência da palavra “ovo” em isolado ou em construção genitiva (conforme 42b).

Temos, no Kithãulhu, uma construção possessiva apenas com o classificador e o sufixo referencial *-su* (exemplo 44), sendo que, em 45, o *-su* é substituído pelo referencial *-a*. Em ambos os casos, o sufixo lexicalizador sempre integra as construções genitivas do Kithãulhu.

- (44) kuaijät-a 'nãn-su
milho-SL CL:folha-REF
'folha do milho'

- (45) [kaiuh'-a kalo]-a kat-na-ra
bicho-SL CL:plano-REF ser duro-T/E-PF
'o casco do bicho é duro'

Telles (2002) descreve o classificador em construção genitiva como a construção formada pelo prefixo possessivo com o classificador (exemplo 46), sendo opcional a marca de genitivo (exemplo 47). Este classificador também pode desempenhar papel anafórico quando o nome já foi anteriormente mencionado no discurso.

Latundê

- (46) tã-ni-'tu
1-CL:hemisfério-REF
'minha casa'

(TELLES, 2002, p. 194)

- (47) tã-ã-ni-'tu
1-POS-CL:hemisfério-REF
'minha casa'

(TELLES, 2002, p. 194)

O Sararé, por sua vez, realiza as construções genitivas por composição como nas línguas do Norte, porém, sem marca de genitivo. Segundo Borella (2005), quando o nome possuído é inalienável, será acompanhado do morfema de inalienabilidade *-a-*, aderido à coisa possuída (exemplos 48 e 49), evidência de *head-marking*.

Sararé

- (48) hu-ki-a-ia-su
arco-CL:redondo/oblongo-I-boca-REF
'cano da espingarda' (lit.: 'boca do arco')

(BORELLA, 2005, p. 24)

- (49) ia-kata-a-su-su
boca-ser duro-I-osso-REF
'osso de/do porco queixada'

(BORELLA, 2005, p. 46)

4 Construções possessivas na oração

Nas seções seguintes, apresentaremos brevemente a posse em construções com incorporação nominal no verbo e a posse predicativa no Kithãulhu.

4.1 Incorporação nominal e inalienabilidade

O Kithãulhu possui produtivo processo de incorporação de nomes de partes de corpo em verbos e nomes. Aikhenvald e Dixon (2013) salientam que, em línguas que permitem a incorporação nominal, ocorre um efeito similar à posse externa, sendo um processo tipicamente relacionado a

partes do corpo e a relações parte-todo. Segundo Mithun (1984, 2001), a construção, quando ocorre incorporada, traduz maior afetação do participante (possuidor) no evento. O possuidor, por sua natureza, é mais animado e humano, com tendência a ocupar o primeiro plano do discurso, nesse caso, a incorporação exerce um papel discursivo. O tipo de incorporação com possuidor, segundo Aikhenvald e Dixon (2011), tipicamente se aplica a SNs possessivos na função de objeto direto ou sujeito intransitivo.

No Lakondê, de acordo com Telles e Wetzels (2017), a produtividade da incorporação nominal é limitada a alguns morfemas prefixais, representando partes do corpo, o que poderia sinalizar uma polissíntese mais antiga. Os autores entendem também que a incorporação pode indicar o item possuído pelo sujeito ou pelo objeto do verbo.

As incorporações no verbo no Kithãulhu têm *slot* específico entre o prefixo instrumental (opcional) e a raiz verbal. Quando a construção possessiva é sujeito de um verbo adjetival³², poderá ocorrer incorporação da raiz do nome possuído no verbo, perdendo o prefixo possessivo (inalienabilidade) (exemplo 51). Quando não ocorre incorporação, a parte do corpo (inalienável) obrigatoriamente recebe o prefixo possessivo (exemplo 50).

(50) a-suta-su
3-perna-REF
'perna'

(51) takala su-uil-na-ra
ela perna-ser bonito-T/E-PF
'a perna dela é bonita'

³² Nas línguas nambikwara, a função atributiva para cores, tamanho, forma e descrição de estados pertencem à classe de verbos adjetivais. A natureza verbal dessas raízes permite que sejam formadas coordenações verbais para descrever um nome.

A incorporação de construção possessiva no Kithãulhu resultará na incorporação do possuído, que pode ser objeto da oração (exemplo 52), com verbo ativo, ou sujeito, com verbo adjetival (exemplo 51).

- (52) iak-a sa-nê-tai-ta-ra
porco-REF INST-cabeça-amarrar-T/E.S1-PF
'eu amarrei a cabeça do porco (com a mão)'

A posse prefixal (exemplo 53) pode ser substituída por outra estratégia quando ocorre a incorporação da construção possessiva enquanto objeto (exemplo 54). Nesse caso, ocorre incorporação da parte do corpo entre o sufixo instrumental e a raiz, e ocorre indexação do marcador de pessoa de 1ª pessoa objeto (-sa).

- (53) da-nũ-ki-a kãin-na-ra
1-braço-CL-REF ser grande-T/E-PF
'meu braço é grande'

- (54) tiahla sa-nũ-siŋ-so-sa-na-ra
ele INST-braço-segurar-pegar-1OBJ-T/E-PF
'ele puxou meu braço' (lit.: 'ele me puxou segurou pelo braço')

4.2 Posse predicativa

Nesta seção, nos limitaremos apenas a apresentar a posse predicativa, expondo questões para futura pesquisa.

Na construção possessiva predicativa, a relação de posse entre dois nomes é estabelecida por um verbo, que pode ser, segundo Dixon (2010), o verbo *have* 'ter', um verbo intransitivo como "existir" ou um verbo de

cópula. Em seu trabalho tipológico, Stassen (2009) estabelece quatro tipos básicos de predicado possessivo: *locational* (locativo), *topic possessive* (possessivo do tipo “tópico”), *with-possessive* (possessivo do tipo “com”), *have possessive* (possessivo do tipo “ter”).

No Kithãulhu, os predicados possessivos são realizados com o verbo *ĩũn* ‘ter’, sendo muito produtivos, inclusive estabelecendo não apenas a relação de posse (exemplos 55 e 56), mas também a codificação do valor existencial (exemplo 57).

(55) kãir-a tihñũ hali ãũn-nã-wa
 colar-REF CL dois ter-T/E.S1-IMPF
 ‘eu tenho dois colares’

(56) duh-a ãũn-nã-wa
 mulher-REF ter-T/E.S1-IMPF
 ‘eu sou casado’ (lit.: ‘eu tenho mulher’)

(57) anĩto-iuta ãũn-nã-ra
 ferir-NMZ ter-T/E-PF
 ‘aconteceu um acidente’ (lit.: ‘teve um acidente’)

Em comunicação pessoal com Edney Belo, com pesquisa em andamento sobre a morfossintaxe da língua Hahãintesu (ramo Sul), também foi observada a raiz verbal *ĩũn-* com o valor possessivo, não tendo sido observadas na literatura, até então, descrições sobre a posse predicativa nas línguas do Norte.

5 Considerações finais

A língua Kithãulhu e as outras línguas nambikwara aqui apresentadas realizam a posse predominantemente recorrendo a um sistema de prefixos que se aderem ao núcleo. Foi descrita uma estratégia de posse com justaposição do pronome livre para nomes alienáveis.

Os nomes inalienáveis do Kithãulhu caracterizam-se pela obrigatoriedade do prefixo possessivo de 3ª pessoa *a-* (diferente do morfema de inalienabilidade do Sararé), sendo um tipo de inalienabilidade à semelhança de nomes *bound inalienables*³³, de acordo a proposta tipológica de Bickel e Nichols (2013), padrão encontrado em muitas línguas indígenas da América, como o Navajo (família Athabaskan) e o Acoma (família Keresan). O Kithãulhu ainda parece conservar uma classe de nomes opcionalmente possuídos, sendo importante considerar para a definição das classes não somente fatores semânticos, mas também fatores sintáticos, como a posição argumental.

Abordamos brevemente a posse em construções predicativas, bem como os fenômenos de incorporação nominal, apontando para a necessidade de maior investigação comparativa entre as línguas da família nambikwara, considerando a posse nominal e a posse predicativa. Questões relacionadas à predicação não verbal (papel das cópulas) e sua relação com a posse prefixal carecem de ser descritas.

³³ Bickel e Nichols (2013) definem “*bound inalienables*” como nomes que exigem obrigatoriamente a flexão de posse, não podendo ser usados sozinhos, uma tipologia comumente encontrada em línguas ameríndias. Os autores ainda afirmam que, frequentemente, línguas com nomes obrigatoriamente possuídos incluem em seu paradigma a categoria de possuidor ‘indefinido’ ou ‘não especificado’. No Kithãulhu, o mesmo prefixo {*a-*} indica posse de 3ª pessoa ou possuidor indeterminado.

Referências

AIKHENVALD, Alexandra; DIXON, Robert M. W. Word-class changing derivations in typological perspective. *In*: AIKHENVALD, Alexandra; DIXON, Robert M. W. **Language at large**: essays in semantics and syntax. Leiden: Brill, 2011, p. 221-289.

AIKHENVALD, Alexandra; DIXON, Robert M. W. **Possession and Ownership**: a cross-linguistic typology. Oxford: Oxford University Press, 2013.

ARAÚJO, Gabriel A. **A Grammar of Sabanê**: a Nambikwaran Language. 2004. 255 f. Tese (Doutorado em Linguística). Vrije Universiteit Amsterdam, Amsterdã, 2004.

BICKEL, Balthasar; NICHOLS, Johanna. Obligatory Possessive Inflection. *In*: DRYER, Matthew S.; HASPELMATH, Martin (Ed.). **The World Atlas of Language Structures Online**. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013. Disponível em: <http://wals.info/chapter/58>. Acesso em: 31 jan. 2020.

BORELLA, Cristina de C. **A Morfologia do Nome**. 2005. 109 f. Capítulo não publicado.

BRAGA, Ana Gabriela M. **Fonologia segmental do Lakondê (Família Nambikwára)**. 2012. 157f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

BRAGA, Ana Gabriela M. **Fonologia Negarotê**: Análise Fonológica da Língua do Grupo Negarotê (Família Nambikwára). 2017. 331 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Vrije Universiteit Amsterdam, Amsterdã, 2017.

COSTA, Rafaela Cunha. **A marcação de posse em Latundê**. 2018. 91 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

DIXON, Robert M. W. **Basic linguistic theory**. v. 2. Oxford: Oxford University Press, 2010.

EBERHARD, David. **Mamaindê Grammar**: a northern Nambikwáran language and its cultural context. Netherlands: LOT Press, 2007.

HEINE, Bernd. **Possession**: cognitive sources, forces, and grammaticalization. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 1 fev. 2020.

KROEKER, Menno H. **Gramática descritiva da língua Nambikuara**. Cuiabá: Sociedade Internacional de Linguística, 2003. Disponível em: <http://www.silbrazil.org/resources/archives/16952>. Acesso em 31 de jan. 2020.

MITHUN, Marianne. The evolution of noun incorporation. **Language**, Washington, DC, v. 60, n. 4, p. 847-894, 1984.

MITHUN, Marianne. The difference a category makes in the expression of possession and inalienability. *In*: BARON, Irène; HERSLUND, Michael; SØRENSEN, Finn (Ed.). **Dimensions of Possession**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001, p. 285-310.

NICHOLS, Johanna. Head-Marking and Dependent-Marking Grammar. **Language**, Washington, DC, v. 62, n. 1, p. 56-119, 1986.

NICHOLS, Johanna. On alienable and inalienable possession. *In*: SHIPLEY, William (Ed.). **In honor of Mary Haas**. Berlim: Mouton de Gruyter, 1988, p. 557-609.

PAYNE, Thomas E. **Describing Morphosyntax**: a guide for Field Linguistics. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

SEKI, Lucy. **Gramática do Kamaiurá**: língua Tupi-Guarani do Alto Xingu. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

SILVA, Cícero B. *et al.* **Terras indígenas habitadas pelo povo nambikwara**: estados do Mato Grosso e Rondônia. [S. l.: s. n.], 2019. 1 mapa, color., 3530 x 2495 px. CD-ROM.

STASSEN, Leon. **Predicative possession**. Oxford: Oxford University Press, 2009.

STOLZ, Thomas; KETTLER, Sonja; STROH, Cornelia; URDZE, Aina. **Split Possession**: An areal-linguistic study of the alienability correlation and related phenomena in the languages of Europe. Amsterdam: John Benjamins, 2008.

TELLES, Stella. **Fonologia e Gramática Latundê/Lakondê**. Amsterdã: Vrije Universiteit, 2002.

TELLES, Stella; WETZELS, Leo. Polysynthesis in Lakondê: a Northern Nambikwaran Language of Brazil. *In*: FORTESCUE, Michael; MITHUN, Marianne; EVANS, Nicholas (Ed.). **The Oxford Handbook of Polysynthesis**. Oxford: Oxford University Press, 2017.

Abreviaturas

| | |
|-----------------|--|
| BEN | benefactivo |
| CL | classificador |
| CL.F | classificador feminino |
| CL.GEN | classificador genérico, coisa não especificada |
| CL.M | classificador masculino |
| CL.RED/OBL/TRID | classificador redondo/oblongo/tridimensional |
| COP | cópula |
| DECL | declarativo |

Diversidade linguística na América: línguas ameríndias (v. 1)

| | |
|----------|---|
| DEM | demonstrativo |
| E.OP | ênfase de opinião |
| FNS | sufixo nominal final |
| GNT | genitivo |
| I | inalienabilidade |
| IMPF | aspecto imperfectivo |
| INST | prefixo instrumental |
| INTR | partícula interrogativa |
| N | nome |
| NCL.HUM | classificador nominal humano |
| NEG | negação |
| NMZ | nominalizador |
| PF | aspecto perfectivo |
| PL | plural |
| POS | posse |
| PRCEST | processo estativo |
| PRO | pronome |
| PST | passado |
| PST.DIST | passado distante |
| RDP | reduplicação de raiz |
| REF | sufixo referencial |
| REFL | reflexivo |
| RN | raiz nula |
| s1 | marcador pronominal de 1ª pessoa sujeito |
| SL | sufixo lexicalizador |
| T/E | tempo / evidencialidade |
| TC | termo de classe |
| 1 | prefixo possessivo de 1ª pessoa do singular |
| 2 | prefixo possessivo de 2ª pessoa do singular |

Diversidade linguística na América: línguas ameríndias (v. 1)

| | |
|------|---|
| 3 | prefixo possessivo de 3ª pessoa do singular |
| 1OBJ | marcador de objeto 1ª pessoa |
| 1SG | 1ª pessoa do singular |
| 2SG | 2ª pessoa do singular |
| 3SG | 3ª pessoa do singular |
| 1PL | 1ª pessoa do plural |
| 2PL | 2ª pessoa do plural |
| 3PL | 3ª pessoa do plural |

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos colegas citados abaixo a gentileza de terem feito a avaliação crítica e construtiva dos textos desta coletânea:

Prof. Dra. Ana Carolina Hecht
Universidad de Buenos Aires (UBA), CONICET e INAPL

Prof. Dra. Ana Paula Barros Brandão
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Prof. Dr. Dionei Moreira Gomes
Universidade de Brasília (UnB)

Prof. Dr. José Pedro Viegas Barros
Universidad de Buenos Aires (UBA)

Prof. Dra. Luciana Raccanello Storto
Universidade de São Paulo (USP)

Prof. Dra. Marcia Niederauer
Universidade de Brasília (UnB)

Prof. Dra. María Alejandra Regúnaga
Universidad Nacional de La Pampa (UNLPam) e CONICET

Profa. Dra. Marina Garone Gravier
Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM)

Profa. Dra. Rocío Martínez
Universidad de Buenos Aires (UBA) e CONICET

Profa. Dra. Stella Telles
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Profa. Dra. Walkíria Neiva Praça
Universidade de Brasília (UnB)

Agradecemos igualmente ao Prof. Dr. Dermeval da Hora Oliveira, presidente da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL), o importante apoio dado durante o congresso ALFALito 2018, ocorrido na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no qual os presentes textos foram inicialmente apresentados em comunicações orais.

Agradecemos ainda à Editora Universidade de Brasília (EDU), especialmente à Profa. Dra. Germana Henriques Pereira de Sousa, sua diretora, o excelente suporte dado a esta publicação, sem o qual ela não seria possível.

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES



Adriana Speranza obtuvo el Posdoctorado en el Programa de Posdoctorado en Ciencias Humanas de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires y el Doctorado en Lingüística por la misma Universidad. Profesora Titular de Lingüística en la Universidad Nacional de Moreno; Profesora Adjunta de Lingüística en la Universidad Nacional de La Plata; Investigadora Asociada de la Comisión de Investigaciones Científicas de la provincia de Buenos Aires (CIC); Directora de la Carrera de Especialización en Lectura y Escritura; Directora de la Subsección de la Cátedra UNESCO en la Universidad Nacional de Moreno y Coordinadora-Vicedecana de la Licenciatura en Comunicación Social de la misma Universidad. Desarrolla su tarea docente y de investigación en el campo de la Lingüística y de la Sociolingüística, específicamente, su trabajo se orienta hacia la variación lingüística, el contacto de lenguas y su impacto en la educación. Una vertiente de los principales estudios desarrollados en sus investigaciones se orienta hacia el análisis de la evidencialidad en el español americano. En este

campo teórico ha investigado diferentes casos de variación lingüística en distintas variedades del español americano.

E-mail: paglispe@gmail.com



Angel H. Corbera Mori é professor no Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), instituição onde atua na graduação e na pós-graduação, e lidera o Grupo de Pesquisa “ESTUDO DAS LÍNGUAS AMERÍNDIAS” (CNPq). É professor colaborador no Programa de Doutorado em Linguística da Universidade Nacional Mayor de San Marcos (Lima, Peru). Tem como foco de pesquisa o estudo das Línguas Ameríndias, Línguas Arawak, Tipologia Linguística, Morfologia, Sintaxe Tipológico-Funcional. Também é editor da Revista *LÍNGUAS INDÍGENAS AMERICANAS (LLAMES)*.

E-mail: corbera.mori@gmail.com



Arthur Britta Scandelari é Mestre em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB). Estudante do grupo de pesquisa “Núcleo de Tipologia Linguística” (NTL/CNPq). Graduando em Letras - Língua Portuguesa e Respectiva Literatura (UnB). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Pós-graduado em Direito Internacional

pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). Bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

E-mail: scandelari@gmail.com



Dionei Moreira Gomes é Professor Associado 4 do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília (UnB). Pesquisa línguas indígenas, português do Brasil e língua brasileira de sinais (Libras). Atua também na formação inicial e continuada de professores. Concluiu mestrado e doutorado em Linguística na UnB, tendo sido, durante este último período de formação, pesquisador visitante nos seguintes centros de pesquisa franceses: Centre d'Études de Langues Indigènes d'Amérique (CELIA/Paris) e Laboratoire Dynamique du Langage (DDL/Lyon). Foi coordenador do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES) do curso de Letras e coordenou o Programa de Pós-graduação em Linguística da UnB (mestrado e doutorado) no biênio 2012-2013. É líder do Grupo de Pesquisa "Núcleo de Tipologia Linguística (NTL)" (CNPq) e coordena, junto com a Profa. Dra. Alejandra Regúnaga, o Projeto 9 "Diversidade linguística na América (Línguas Ameríndias)" da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL).

E-mail: dionei98@gmail.com



Ivan Rocha trabalha com descrição de línguas indígenas amazônicas. Atualmente é pesquisador visitante no Museu Goeldi (MCTIC/CNPq/PCI), trabalhando com descrição e documentação do léxico Karitiana. Realizou estágio pós-doutoral na USP com bolsa PNPd/CAPES (2017—2019), com o tema “tempo e aspecto em orações não-finitas em Karitiana”, supervisionado pela Profa. Dra. Ana Müller; foi pesquisador visitante na Universidade do Texas com uma bolsa de pesquisa FAPESP/BEPE (2014—2015). Obteve o doutorado com bolsa FAPESP (2016) e mestrado em Linguística com bolsa CNPq (2011) pela Universidade de São Paulo, sob orientação da Profa. Dra. Luciana Storto. Possui também graduação em Linguística (2008) pela mesma universidade com bolsa de pesquisa da Fundação Volkswagen do Brasil.

E-mail: ivanrochaxxi@gmail.com



Jackeline do Carmo Ferreira possui graduação em Licenciatura no curso de Letras com habilitação em Português e em Inglês pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2010-2013) e mestrado em Linguística, na área de línguas Indígenas, pela Universidade Estadual de Campinas (2015-2017), quando foi bolsista CAPES. Atualmente, é doutoranda do programa de linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, sob orientação do professor Dr. Angel H. Corbera

Mori, também na UNICAMP. Tem como foco de pesquisa a área de Línguas Indígenas, com ênfase nas línguas da família Arawak, Tipologia Linguística e Descrição Linguística.

E-mail: jackelinedocarmoferreira@gmail.com



Marcelo Pagliaro es Licenciado y Profesor en Antropología (UBA). Ha desarrollado trabajos de investigación en el campo de la Antropología económica en la localidad de Miyuyoc, provincia de Jujuy. Como docente investigador ha participado en distintos proyectos vinculados a la diversidad cultural y lingüística en el marco de las convocatorias del INFD y en proyectos radicados en la Universidad Nacional de Moreno. Ha ocupado el cargo de Consultor en el Proyecto *Becas Alumnos Indígenas*, INFD, MECyT de la Nación y como Especialista Técnico Regional del Área Antropología por la DGE de la provincia de Buenos Aires. Actualmente se desempeña como docente en el Curso de Orientación y Preparación Universitaria de la Universidad Nacional de Moreno y en establecimientos de formación docente de la provincia. Algunas de sus publicaciones son: *Claude Lévi-Strauss y el estructuralismo* (2018); *La enseñanza del español en contextos de diversidad lingüística* (en colaboración, 2018); *Reflexiones sobre la diversidad lingüística y cultural en el conurbano bonaerense* (en colaboración, 2015), entre otros.

E-mail: marcelo.pagliaro@yahoo.com.ar



María Alejandra Regúnaga es Doctora en Letras (2011) por la Universidad Nacional del Sur (Bahía Blanca, Argentina). Es profesora e investigadora en la Facultad de Ciencias Humanas de la Universidad Nacional de La Pampa (Argentina), en las áreas de Linguística teórica y descriptiva, y directora del Instituto de Linguística en esa misma institución. En dicho ámbito dirige proyectos de investigación sobre lenguas indígenas patagónicas y otras lenguas minoritarias/minorizadas. Es investigadora adjunta en el Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET), donde desarrolla investigaciones relativas a la descripción de lenguas indígenas en peligro de desaparición/desaparecidas de la Patagonia Sur a través de fuentes documentales, principalmente misioneras. Coordina, junto con el Prof. Dr. Dionei Moreira Gomes, el Proyecto 9 “Diversidad lingüística en América (Lenguas Ameríndias)” de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL).

E-mail: aregunaga@gmail.com



Sivaldo Correia é Bacharel em Letras e Mestre em Linguística pela UFPE. Atualmente é Doutorando em Letras (Linguística) pela Universidade Federal de Pernambuco, com Doutorado Sanduíche (CAPES) na University of Oregon. É membro do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos Indigenistas da UFPE (NEI) e desenvolve

pesquisas na área de morfossintaxe e descrição da língua Kithãulhu (família Nambikwara).

E-mail: sivaldocorreia@gmail.com



Zarina Estrada Fernández Ph.D en Lingüística-Sintaxis por la Universidad Arizona (Tucson, 1991). M.A. en Lingüística-Sintaxis (Universidad de Arizona, 1989). Licenciada en Lengua y Literatura Españolas, especialidad en Lingüística Hispánica (Universidad Nacional Autónoma de México, 1975). Es profesora-investigadora de la Universidad de Sonora en la Licenciatura y Maestría en Lingüística así como en el Doctorado en Humanidades. Es una académica reconocida especialmente por la investigación que ha desarrollado sobre lenguas de la familia yuto-azteca habladas en el noroeste de México. Sus trabajos de investigación se caracterizan por la integración de la perspectiva tipológica y la diacrónica en el análisis descriptivo de las estructuras gramaticales; asimismo, ha contribuido a la documentación lingüística de lenguas escasamente estudiadas y de lenguas minoritarias, tomando en consideración no solo la preservación lingüística sino también la del contexto etnocultural. Ha participado y participa en proyectos colectivos de registro lingüístico, preservación y documentación digital financiados por CONACYT (México), CNRS

(Francia), Max Planck Institute for the Science of Human History (Alemania) y la Universidad de Sonora (México). Entre sus publicaciones destacan 9 libros de autoría personal, 29 codirecciones de libros, 52 capítulos de libros, varios de ellos en editoriales de reconocido prestigio (John Benjamins, Mouton de Gruyter), 36 artículos publicados en revistas de arbitraje internacional. Ha dirigido más de 45 trabajos de tesis. Ha sido reconocida por el Sistema Nacional de Investigadores del CONACYT, por la Sociedad Lingüística de América y por la Universidad de Sonora.
E-mail: zarinaef@gmail.com

ÍNDICE REMISSIVO

Por se tratar de uma obra digital, as línguas e os termos deste índice remissivo podem ser encontrados por meio das ferramentas de busca do leitor de textos.

Línguas

A

Acoma
Alakalufe (Alacalufe)
Alantesu
Alikoolip
Ãpyāwa
Arawak
Asháninka
Ashéninka

B

Baure

C

Chemehuevi
Chilidago
Comanche
Cora
Cupeño

G

Guajá
Guaraní
Guarijío

H

Hahāntesu
Halakwulup
Halotesu
Hoava
Huichol
Hukuntesu

I

Iñapari

K

Kamaiurá
Karitiana
Katitãulhu
Kawaiisu
Kawesqar (Kaweskar)
Kithãulhu
Kustenáu (Kustenu)

L

Lakondê
Latundê
Lihir

M

Machiguenga
Maipure
Mamaindê
Mapuche
Mapuzungun
Mayo
Mehináku (Mehinaku)
Mexicanero
Mundurukú

N

Náhuatl
Nambikwara do Cerrado
Nambikwara do Sul
Navajo
Negarotê
Névome
Nheengatú
Nijaklosu
Nomatsiguenga

O

O'odham
Odami

P

Pápagu
Paresi
Pima Bajo
Piro

Q

Quechua
Quichua

S

Sabanê
Saráre
Sawentesu
Selk'nam
Siwaisu
Sowaintê

T

Tagalog
Tamil
Tapirapé
Tarahumara
Tawandê
Tehuelche
Tepehuano del norte
Tepehuano del sureste
Terena
Tsoneca
Tulatülabal
Tupinambá

U

Unua
Ute

W

Waikisu

Wakalitesu

Wasusu

Waurá

Y

Yagán

Yapese

Yaqui

Yawalapití (Yawalapiti)

Yine

Termos

A

adjunto
adposição
ágrafo
alfabeto
alienabilidade
alienável
anglicano
animacidade
Antropología
argumento
aspecto

C

cambio diacrónico
codificación
coletivizador
coletivo
comparativo (análisis)
complemento de cópula
contacto lingüístico
contável
continuum
creatividade

D

dependent-marking (marcação no dependente)
desplazamiento
diccionario
documentación

E

escala
Etnografía

F

finito
fonético
fonotípico
frecuencia (del comportamiento)

G

genética
gramaticalización

H

head-marking (marcação no núcleo)
historia
historiografía

I

identidad
inalienável
isomorfismo

J

jerarquía de animicidad

L

Linguística Histórica

M

método comparativo
método da reconstrução interna
método reconstutivo sincrônico
migración
misión
misionero
multifuncional

N

número

O

oração encaixada
oração matriz
ortografia

P

perfeito
pluralidade (nominal)
posposição
posse
possuído (não possuído)
pragmática
predicado
princípio comunitario
proceso de cambio
prospectivo
protocolo
protótipo

Q

quantificador

R

religião
representação grafemática
revitalización

S

santiagoño
sintagma posposicional
sistema (fonético)
Sociolingüística
subdiferenciação
superdiferenciação
supradiferenciação

T

taller de lengua
tempo
temporalidade
terminologia
tipologia

V

valência